

DESCONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL E EMPREGO NAS REGIÕES METROPOLITANAS DE BELO HORIZONTE, GOIÂNIA E RIO DE JANEIRO.

Vivian Fernanda Mendes Merola – vfmerola1@gmail.com

Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas –
Departamento de Geografia.

1. INTRODUÇÃO

1.1. O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Este trabalho, desenvolvido no âmbito do programa de Iniciação Científica do CNPq, tem como objetivo principal tornar pública parte da pesquisa que se encontra em andamento no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo junto ao laboratório de Estudos Regionais e analisa sob vários aspectos a Desconcentração Industrial e Emprego nas dez regiões metropolitanas consolidadas do Brasil, sendo que dessas ficou sob minha responsabilidade estudar mais intimamente as regiões metropolitanas de Belo Horizonte, situada no estado de Minas Gerais, Goiânia, no estado de Goiás e Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro. Faz-se necessário destacar que o trabalho aqui apresentado se insere numa pesquisa de maior amplitude que visa analisar o processo da desconcentração industrial numa escala nacional e leva o nome de “Desconcentração Industrial e Emprego nas Regiões Metropolitanas do Brasil”.

Esta pesquisa apresentou em seu projeto inicial uma duração de três anos, sendo que este período se dividiu em dois momentos distintos, primeiramente, o grupo envolvido desenvolveu uma análise quantitativa, e se restringiu a uma varredura bibliográfica, a busca e coleta de dados em fontes governamentais e por fim conferência e sistematização dos dados obtidos. No segundo momento vislumbrou-se desenvolver uma análise qualitativa na qual o grupo junto à orientação adequada buscou entender o comportamento verificado em cada uma das Regiões Metropolitanas estudadas a partir do arcabouço teórico existente acerca da proposta de trabalho que é a reestruturação produtiva.

Desta forma, este estudo, se coloca como produto da observação da desconcentração industrial que se dá no território nacional nas últimas três décadas e se justifica pelo processo de maior distribuição da produção industrial do Brasil neste período.

O trabalho lançou mão do uso de fontes oficiais como o Relatório Anual de Informações Sociais – RAIS, produzido pelo Ministério do Trabalho, usamos também dados e bases cartográfica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e publicações do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas.

O grupo trabalhou no sentido de compreender não só o comportamento da indústria de transformação, mais também da indústria extrativa mineral buscando informações sobre trabalhadores presentes nestas indústrias e sobre os próprios estabelecimentos industriais. Entretanto, ao longo das análises fomos percebendo um comportamento diferente entre um tipo de indústria e outro, a indústria extrativa se apresentava descontínua espacialmente, característica que pode ser explicada pelo fato de esta indústria se organizar no território pela proximidade às áreas de exploração mineral, não correspondendo à lógica de indústria de transformação que tem a condição, por meios de estudos mercadológicos e logísticos, de decidir o que é mais pertinente para uma atuação favorável ao contexto econômico atual, podendo, assim, ficar próximo ao mercado consumidor ou as fontes de matéria prima. Essa condição de escolha dada à indústria de transformação só é viabilizada pela disseminação de tecnologia e infra-estrutura que gera uma diminuição do espaço em relação ao tempo.

O processo de aprendizado próprio ao desenvolvimento da Iniciação Científica impõe dificuldades na trajetória do projeto e nos obriga a desenvolver alternativas para que seja possível atingir os objetivos finais propostos, neste sentido, o grupo enfrentou grandes problemas para o manuseio dos dados obtidos e pela inconsistência dos mesmos, pois o Relatório Anual de Informações Sociais - RAIS é um levantamento feito pelo Ministério do Trabalho, entretanto, o questionário proposto anualmente às empresas não é obrigatório, o

que acabou por comprometer a pesquisa, pois em alguns anos pudemos contar com boa base de dados, em outros não. O levantamento bibliográfico também nos revelou algumas dificuldades no sentido de que grande parte da bibliografia brasileira acerca da temática proposta data dos anos 80 e se coloca muito distante do debate atual sobre a Reestruturação Produtiva e a Desconcentração Industrial, entretanto, encontramos uma publicação de 2002 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, que nos foi de grande valia para a compreensão de questões levantadas durante a pesquisa.

O projeto inicial previu a criação de banco de dados, os levantamentos bibliográficos e fichamentos, além de confecção dos mapas que nos revelassem a configuração espacial do processo desvendado na teoria.

1.2. PANORAMA GERAL

As regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Goiânia estão entre as dez cujo processo de metropolização encontra-se consolidado.

As Regiões Metropolitanas consolidadas apresentam algumas características comuns, entre elas a de se conformarem a partir de um núcleo urbano com função de capital do estado que polariza o aglomerado urbano e articula toda a rede de infra-estrutura e desempenha uma multiplicidade de funções; essas regiões metropolitanas, diferentemente das demais, foram criadas pelo Governo Federal.

Atualmente, existem vinte e oito regiões metropolitanas no Brasil, entretanto, nem recebem esta classificação de consolidadas pelo fato de parte delas terem sido criadas a partir de Legislação Estadual e por não apresentarem relações entre os municípios constituintes.

Tratando especificamente de São Paulo, que apesar de não ser o objeto de estudo deste trabalho está intimamente relacionado a ele, ou seja, ao comportamento industrial de Goiânia, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, portanto, temos que a reestruturação produtiva em e para São Paulo produziu alterações significativas no padrão nacional de localização industrial, contudo, esta alteração não significa que São Paulo se desindustrializou, ao contrário, a

cidade reafirma ainda mais sua centralidade no que diz respeito ao controle do capital industrial e se redimensiona como nó mais importante da América Latina na rede mundial de cidades.

Abaixo coloco a disposição alguns dados gerais sobre a variação em % dos estabelecimentos industriais e dos postos de trabalhos nas três regiões metropolitanas analisadas, além dos dados sobre a variação industrial em São Paulo e no Brasil.

Varição Industrial em %
Período de 1996 a 2002
Estabelecimento e Trabalhadores

<i>Varição Industrial – Estabelecimentos</i>				
<i>Estados</i>	<i>Setor</i>	<i>1996</i>	<i>2002</i>	<i>Varição (%)</i>
São Paulo	Extrativa	1.149	2.826	146%
	Transformação	74.224	154.249	108%
Minas Gerais	Extrativa	1.353	1.572	16,2%
	Transformação	26.642	32.938	23,5%
Goiás	Extrativa	170	210	23%
	Transformação	5.019	7.801	55,5%
Rio de Janeiro	Extrativa	506	556	10%
	Transformação	16.185	15.031	- 7,13%
Brasil	Extrativa	5.745	6.778	18%
	Transformação	211.778	257.728	21,5%

<i>Varição Industrial – Postos de Trabalho</i>				
<i>Estados</i>	<i>Setor</i>	<i>1996</i>	<i>2002</i>	<i>Varição (%)</i>
São Paulo	Extrativa	15.130	17.543	16%
	Transformação	1.988.715	2.570.183	29,2%
Minas Gerais	Extrativa	28.761	30.381	5,6%
	Transformação	462.314	518.695	12,2%
Goiás	Extrativa	4.050	4.012	- 1%
	Transformação	71.016	112.528	58%
Rio de Janeiro	Extrativa	15.008	18.079	20,5%
	Transformação	364.857	306.031	- 16%
Brasil	Extrativa	117.148	122.801	5%
	Transformação	4.797.385	5.209.774	8,6%

Fonte: RAIS 1996 e2002, Adaptado por Vivian Merola

Estas tabelas nos revelam em linhas gerais a variação do percentual dos estabelecimentos industriais e dos postos de trabalho no período de 1996 e 2002 tanto para o Brasil como para os três estados que estão inseridas as regiões metropolitanas contempladas pela minha pesquisa.

Desta forma, temos que o Brasil cresceu 18% em estabelecimentos da indústria extrativa e 21,5% em estabelecimentos da indústria de transformação. Para trabalhadores o crescimento nacional não foi muito expressivo, 5% para o setor extrativo e 8,6% para o setor de transformação.

2. COMPORTAMENTO DA INDÚSTRIA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – DE 1996 A 2002.

A partir da análise dos dados levantados percebemos que a indústria do Estado e da Região Metropolitana apresenta significativa queda no período de 1996 a 2002. Sendo que o Estado do Rio de Janeiro cresceu apenas 10% nos estabelecimentos da indústria extrativa e teve um crescimento negativo de 7% nos estabelecimentos da indústria de transformação, quanto aos postos de trabalho temos um crescimento de 20,5% na indústria extrativa e um percentual negativo de 16% na indústria de transformação.

Os municípios que apresentaram maior queda no número de indústrias extrativas são Rio de Janeiro e Itaguaí, ambos pertencentes à Região Metropolitana. Em contra partida, Macaé e Santo Antônio de Pádua, municípios que se localizam mais ao norte do estado, foram os que apresentaram grande crescimento do número de indústria extrativa.

Na indústria de transformação a perda mais significativa ocorre nos municípios do Rio de Janeiro e Petrópolis. O município que mais ganhou indústrias de transformação foi Nova Friburgo.

Desta forma concluímos que a indústria e os postos de trabalho estão se desconcentrando, ocupando novos municípios. Temos que o estado do Rio, assim como, sua região metropolitana apresenta este comportamento de desconcentração industrial e significativa queda dos postos de trabalho pelo fato de apresentar, atualmente, uma infra-estrutura que não suporta mais a demanda industrial e que apesar do Rio de Janeiro se encontrar num “patamar mais avançado que os demais estados sofre, no entanto, esgotamentos localizados

que demandam grandes investimentos no setor industrial”. (IPEA, 2002. 88), além da infra-estrutura é necessário se atentar ao fato do alto custo gerado para as empresas pelo uso do solo urbano em estados como Rio de Janeiro e São Paulo, fato que se coloca como um importante diferencial para implantação de plantas industriais.

As duas mais importantes áreas de expansão industrial estão localizadas na Mesorregião Norte Fluminense com grandes investimentos na extração de petróleo e serviços correlatos e na Mesorregião Sul fluminense que tem sido alvo de investimentos no setor automobilístico (IPEA, 2002. 87). Quanto aos postos de trabalho temos que “a reestruturação produtiva e a necessidade de ampliação da competitividade determinam uma redução dos postos de trabalho no conjunto da indústria nacional”, mas no Rio de Janeiro e alguns outros estados esta lógica da reestruturação produtiva esta se colocando de forma mais incisiva (IPEA, 2002. 45).

Pode-se atentar para o fato de que além do crescimento industrial no estado estar abaixo do crescimento nacional a indústria e os postos de trabalho estão se desconcentrando, ocupando novos municípios, gerando um processo não necessariamente migratório, mas marcando o crescimento de novos ramos industriais no estado.

3. COMPORTAMENTO DA INDÚSTRIA NO ESTADO DE MINAS GERAIS – DE 1996 A 2002.

A indústria do Estado de Minas Gerais apresenta crescimento neste período de análise, 1996 a 2002, tanto na indústria extrativa quanto na de transformação.

A indústria extrativa mineral de Minas Gerais apresentou neste período um crescimento de, aproximadamente, 16% ficando abaixo dos 18% de crescimento do setor no Brasil. A Região Metropolitana de Belo Horizonte também contou com um crescimento de 16%.

Quanto aos postos de trabalho na indústria extrativa temos no estado um crescimento de 5,6% acompanhando, desta forma, o crescimento do país. Já a Região Metropolitana de Belo Horizonte para os postos de trabalho na indústria extrativa apresenta um comportamento diferente: um crescimento negativo de

20% dos postos de trabalho, ficando, desta forma, bem abaixo do crescimento nacional de 5%.

Para a indústria de transformação temos um crescimento de 23,5 dos estabelecimentos no estado de Minas Gerais ficando acima dos 21.5% conferidos ao Brasil. A Região Metropolitana também apresenta crescimento no número de estabelecimentos industriais, cerca de 3%.

Os postos de trabalho apresentam no estado um aumento de 12,2%, ou seja, esta acima dos 5% apresentados pelo Brasil. A Região Metropolitana apresenta neste período um decréscimo de 8,5% nos postos de trabalho.

Podemos notar através desses dados que o estado mineiro cresceu, timidamente, no setor industrial, entretanto, este crescimento não se deu na Região Metropolitana.

Podemos, assim, partir para algumas considerações acerca do comportamento industrial mineiro: o desenvolvimento industrial não ocorre de forma homogênea no território. Temos que a “Mesorregião central, o sul de minas e o triangulo mineiro lideram os investimentos do estado para o setor industrial”, isto ocorre porque essas áreas já apresentam destaque na “infra-estrutura urbana, fornecem mão-de-obra qualificada para as empresas e têm localização privilegiada no estado e no país sendo favorecidas pelo espraiamento industrial da RM de São Paulo” (IPEA,2002. 88). Ainda dentro da questão da infra-estrutura temos que Minas Gerais conta com infra-estrutura destacada no cenário nacional. Apresenta uma grande capacidade de geração de energia elétrica e é cortado por importantes eixos ferroviários e rodoviários, recentemente passou por um projeto de duplicação da rodovia Fernão Dias assegurando a expansão dos investimentos no eixo São Paulo – Belo Horizonte.

4. COMPORTAMENTO DA INDÚSTRIA NO ESTADO DE GOIÁS – DE 1996 A 2002.

Conforme os dados abaixo, temos que o Estado de Goiás e a RM de Goiânia apresentam um extraordinário crescimento industrial no setor de transformação, em relação à média nacional.

A indústria extrativa do estado de Goiás apresenta um crescimento de 23% no período de 1996 a 2002, sendo, portanto, um crescimento acima do verificado para o Brasil de 18% no mesmo período.

Na região metropolitana de Goiânia também ocorre um crescimento da indústria extrativa de 13%, ou seja, esta abaixo da taxa de crescimento nacional.

Quanto aos postos de trabalho da indústria extrativa encontramos queda tanto para o estado quanto para a região metropolitana. O estado apresentou um decréscimo de 1% dos postos de trabalho e a região metropolitana apresentou neste período um valor negativo de 5,6%.

Para a indústria de transformação verifica-se um comportamento de crescimento do setor tanto para o estado como para a região metropolitana, não só em estabelecimentos industriais como em postos de trabalho, desta forma, temos para o estado um crescimento de 55,5% nos estabelecimentos, superando o crescimento nacional de 21,5%. Para a região metropolitana o crescimento de 56,5% que também é significativo em relação ao Brasil.

Podemos perceber, portanto, que o estado de Goiás apresenta características muito próximas a Minas Gerais, com um processo de crescimento industrial semelhante, mas de maior significância por crescer no setor industrial a taxas muito mais expressivas que o Brasil. Este processo pode ser explicado pelo desenvolvimento de infra-estruturas que se colocam de forma atrativa ao capital industrial e pelo fato da ocupação do solo urbano se colocar mais barato nesta nova área de expansão do que nas grandes metrópoles.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas considerações se colocam relevantes para o fechamento deste trabalho, primeiramente, a pesquisa visa, nesta segunda fase dos estudos, desdobrar a indústria de transformação em sub-setores produtivos e porte o que permitirá uma melhor aproximação acerca da dinâmica espacial industrial.

Outra importante questão a ser colocada é que nem sempre a indústria se apresenta concentrada numa única região, portanto, a região metropolitana, não necessariamente, se emancipa como pólo industrial. Este pensamento é válido,

sobretudo para a indústria extrativa que apresenta sua dinâmica espacial muito mais vinculada às áreas de extração.

Quanto à indústria de transformação, hoje, a infra-estrutura é um aspecto relevante para o desenvolvimento industrial das regiões, muito mais relevante do que o próprio mercado consumidor.

Os estados e regiões metropolitanas contemplados pela pesquisa apresentam comportamentos díspares como pode ser percebido ao longo deste texto: Rio de Janeiro apresenta um comportamento semelhante ao que temos em São Paulo, contudo, não com a mesma relevância e nem tão pouco com o mesmo impacto para os outros estados.

Goiás e Minas Gerais apresentam processos semelhantes de crescimento se beneficiando, em parte, desta desconcentração industrial que ocorre nas duas principais metrópoles do país – São Paulo e Rio de Janeiro - sendo que esses estados são muitas vezes favorecidos por políticas estaduais e federais de incentivo fiscal e financeiro que possibilitam seu maior desenvolvimento industrial.

Faz-se relevante destacar alguns dados sobre investimentos na área industrial nos últimos anos que nos indica o caminho que a indústria brasileira vem tomando ao longo.

Neste sentido, temos que: A previsão de investimentos na indústria extrativa mineral e de transformação no período de 1995 a 2004 foi de US\$ 113.870,6 totalizando 893 projetos espalhados pelo Brasil, destes 893 projetos 435 – o que totaliza o montante de US\$ 66.961,2 – foram destinados a região sudeste, 280 projetos desenvolvidos no estado de São Paulo, Minas Gerais foi contemplado com 92 projetos e Rio de Janeiro com 52. Esses dados reforçam o que foi visto anteriormente acerca do grande crescimento de Minas Gerais, superando Rio de Janeiro (esses dados foram extraídos da publicação mais recente que temos acerca da temática da industrialização e dos postos de trabalho no Brasil, o livro “Caracterização e Tendências da Rede Urbana Brasileira” volume 5, publicado em 2002, num trabalho conjunto entre o IPEA, IBGE, SEADE e UNICAMP.)

6. BIBLIOGRAFIA

DINIZ, C. C. ; SANTOS, Fabiana ; AFONSO, M. A. C. . 2006. Conhecimento, inovação e desenvolvimento regional/local. In: Clélio Campolina Diniz; Marco Aurélio Crocco Afonso. (Org.). Economia regional e urbana - contribuições teóricas recentes. 1 ed. Belo Horizonte: UFMG, v. 1, p. 87-122.

DINIZ, C. C. ; AFONSO, M. A. C. . 2006. Introdução - bases teóricas e instrumentais da economia regional e urbana e sua aplicabilidade ao Brasil: uma breve reflexão. In: Clélio Campolina Diniz; Marco Aurélio Crocco Afonso. (Org.). Economia regional e urbana - contribuições teóricas recentes. 1 ed. Belo Horizonte: UFMG, v. 1, p. 9-31.

HARVEY, David. 2005. A produção capitalista do espaço. São Paulo, Annablume

IPEA; IBGE; UNICAMP/IE/NESUR; SEADE. 2002. Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil – redes urbanas regionais: Sudeste. Brasília: IPEA.

RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos & ALMEIDA, Roberto Schimidt de. 1993. Análise da organização espacial da indústria na região Sudeste, Revista Brasileira de Geografia: ano 55 nº 04, p: 61 – 108, IBGE.